
Psicologia e iniciação esportiva: um relato de experiência de atividade prática realizada na Associação Petrolinense de Atletismo

*Ana Vitória Gonçalves de Sousa,
Ananda Vasconcelos Valois,
Luís Eduardo da Silva Barboza,
Maria Luiza de Sousa Santana,
Maria Luiza Magalhães Santos,
Thaís Macêda dos Santos*

Resumo

O presente artigo relata uma experiência de intervenção grupal com crianças entre 8 e 10 anos que participaram da turma de iniciação esportiva da Associação Petrolinense de Atletismo (APA). A intervenção foi realizada com o objetivo de melhorar a coesão grupal e reduzir a competitividade excessiva, elementos considerados pouco benéficos em projetos esportivos de iniciação. Participaram dessa intervenção entre 15 a 20 crianças, neurotípicas e atípicas, que foram envolvidas em atividades planejadas para engajá-las, de forma dinâmica, no trabalho de aspectos grupais, visando melhorar o ambiente da turma. Observou-se que o grupo passou por mudanças comportamentais positivas, contudo, também foram identificados aspectos subjetivos que requerem um manejo individual mais direcionado. Em resumo, esta intervenção grupal foi eficaz em melhorar a coesão e colaboração da turma de iniciação esportiva da APA, e pode ser considerada uma estratégia viável para melhorar o desempenho e o bem-estar de crianças em projetos esportivos infantis.

Palavras-chave: Iniciação Esportiva, Psicologia do esporte, Intervenção grupal, Relato de Experiência.

Psychology and sports initiation: an experience report of practical activity carried out at the Associação Petrolinense de Atletismo

Ana Vitória Gonçalves de Sousa, Ananda Vasconcelos Valois, Luís Eduardo da Silva Barboza, Maria Luiza de Sousa Santana, Maria Luiza Magalhães Santos, Thaís Macêda dos Santos

Abstract

This article reports a group intervention experience with children with ages between 8 and 10 years old who participated in the sports initiation class of the Associação Petrolinense de Atletismo (APA). The intervention was carried out with the aim of improving group cohesion and reducing excessive competitiveness, elements considered to have little benefit in initiation sports projects. Between 15 and 20 neurotypical and atypical children participated in this intervention, who were involved in activities planned to engage them, in a dynamic way, in the work of group aspects, aiming to improve the class environment. It was observed that the group underwent positive behavioral changes, however, subjective aspects that require a more targeted individual management were also identified. In summary, this group intervention was effective in improving the cohesion and collaboration of the children, and can be considered a viable strategy to improve the performance and well-being in children's sports projects.

Keywords: Sport Initiation, Sport Psychology, Group Intervention, Experience Report.

Psicología e iniciación deportiva: informe de experiencia de actividad práctica realizada en la Associação Petrolinense de Atletismo

Ana Vitória Gonçalves de Sousa, Ananda Vasconcelos Valois, Luís Eduardo da Silva Barboza, Maria Luiza de Sousa Santana, Maria Luiza Magalhães Santos, Thaís Macêda dos Santos

Resumen

El presente artículo describe una experiencia de intervención grupal con niños de entre 8 y 10 años que participaron en la clase de iniciación deportiva de la Associação Petrolinense de Atletismo (APA). La intervención tuvo como objetivo mejorar la cohesión grupal y reducir la competitividad excesiva, elementos considerados poco útiles en proyectos deportivos de iniciación. Entre 15 y 20 niños participaron en esta intervención y se involucraron en actividades planificadas que se adaptaron para mantenerlos dinámicamente comprometidos. Se propusieron intervenciones grupales enfocadas en la cooperación y colaboración para mejorar el ambiente de la clase. Se observaron cambios de comportamiento positivos en el grupo en su conjunto, pero también se identificaron aspectos subjetivos que requieren un manejo individual. En resumen, esta intervención grupal fue efectiva para mejorar la cohesión y cooperación de la clase de iniciación deportiva de la APA, y puede considerarse una estrategia viable para mejorar el rendimiento y el bienestar de los niños en proyectos deportivos infantiles, aunque se necesitan estudios más completos para confirmar estos resultados.

Palabras-clave: Iniciación Deportiva, Psicología del Deporte, Intervención Grupal, Informe de Experiencia.

Introdução

A iniciação esportiva é compreendida enquanto um espaço propício para a promoção de hábitos saudáveis que influenciam positivamente na formação e no desenvolvimento dos aparelhos psíquicos e motores das crianças (Wick et al., 2021). Além disso, esse tipo de projeto esportivo, de acordo com Bairros e Antunes (2020), precisa ser tratado como um local potencializador de intercâmbios interpessoais que favorecem consideravelmente a construção do caráter, da mentalidade crítica e do senso de coletividade das crianças, podendo também servir como um incentivador das habilidades esportivas dos seus integrantes. Mas, deve sempre focalizar o processo de ensino-aprendizagem sobre o esporte, evitando especializações precoces que possam desencadear lesões ou defasagens no amadurecimento holístico dos praticantes (Bairros & Antunes, 2020).

A partir disso, e considerando a iniciação esportiva enquanto um contexto amplo de aprendizagens diversas a respeito do esporte e da vida relacional, o papel do psicólogo do esporte nesse espaço, enquanto mediador e facilitador de relações sociais, pode possibilitar o desenvolvimento amplo do sujeito. A partir da busca por autonomia e o fortalecimento da autoestima, esse profissional pode proporcionar, assim, educação e saúde que extrapolem o próprio contexto esportivo e possam ser generalizadas para a vida fora dos campos, pistas e quadras (Angelo & Noce, 2019).

Ademais, por se tratar de um campo diverso que pode envolver crianças, adolescentes e adultos que estão iniciando suas jornadas no esporte, a iniciação esportiva se configura como um locus no qual o psicólogo tem também a função de analisar e compreender os processos de formação e desenvolvimento relativos à educação e socialização dos sujeitos. Nesse sentido, a prática esportiva pode atuar como uma facilitadora para o surgimento de aspectos importantes na vida do indivíduo que reverberam impactos no seu modo de lidar consigo e com o mundo. Portanto, também é função do profissional da psicologia que atue em tal contexto, se colocar como apontador de processos do desenvolvimento que são relevantes na intermediação sujeito-esporte, estando à disposição dos educadores físicos e treinadores para auxiliar na construção de técnicas de manejo que estejam adequadas e atentas aos aspectos físicos, cognitivos, emocionais e psicossociais dos participantes, bem como levar em consideração seus contextos sociais mais amplos. A partir disso, além de ser uma área com várias congruências de saberes, a iniciação esportiva requer uma interdisciplinaridade de profissionais para funcionar bem.

Além do mais, Hassani e colaboradores (2022) realizaram um estudo com 30 crianças com TEA em alto grau, com idades entre 8 e 11 anos, utilizando um programa de treinamento adaptado do SPARK (esportes, brincadeiras e recreação ativa, visando o desenvolvimento simultâneo de habilidades motora e comportamentais), e o ICPL, traduzido como 'Posso ter alfabetização física', que faz parte de uma sugestão positiva de Treinamento Funcional (TF) visando bem-estar e manutenção da saúde, e é um recurso para os profissionais que trabalham com crianças com TEA. Para execução do estudo foram sugeridas 16 sessões, com 60 minutos cada, 1 vez por semana. Cada sessão foi dividida em 3 partes, a primeira para atividades de aquecimento (10 minutos) e a segunda parte para atividades funcionais (40 minutos). O protocolo da segunda parte trabalhou as habilidades motoras: equilíbrio, habilidades locomotoras (como correr, pular, pular e galopar) e habilidades com bola (como pegar, arremessar e chutar). Neste protocolo,

foram colocadas atividades para exploração da coordenação motora grossa e da coordenação motora fina. A terceira parte ficou por conta do desaceleração/relaxamento (10 minutos). O que possibilitou concluir que este protocolo favoreceu todas as habilidades motoras envolvidas, principalmente de membros superiores. Agilidade, equilíbrio, coordenação bilateral e força foram priorizadas como atividades exitosas com o protocolo.

Outrossim, um aspecto importante que deve ser levado em consideração no que tange a iniciação esportiva quando desenvolvida no âmbito dos projetos sociais, é a facilitação de interlocuções entre vários modos de vida distintos (pessoas oriundas de diferentes condições socioeconômicas, classes sociais e raças/etnias) que lidam com aspectos físicos e neuropsicológicos diversos, o que favorece o reconhecimento e o respeito às diferenças a partir da edificação de um ambiente inclusivo e empático quanto ao outro. Nesse ponto, coloca-se em prática um dos pressupostos mais básicos e significantes do esporte, o de garantir que todas as pessoas, independentemente de suas condições, possam desfrutar dos benefícios que o campo esportivo tem a oferecer.

Partindo dessas premissas, foi elaborada uma proposta de intervenção psicossocial com um grupo de crianças da turma de iniciação esportiva da Associação Petrolinense de Atletismo (APA). A intervenção buscou treinar a coesão intergrupal, enfatizando a cooperação, o respeito às diferenças e a empatia, além de sinalizar que as atividades de iniciação esportiva infantil não devem priorizar o alto rendimento em favor da competição, pois deixam de lado a importância socioeducativa da recreação no esporte. Essa mediação foi composta por atividades pautadas nas demandas apontadas pelos treinadores, e reveladas pelo próprio grupo de crianças.

Métodos

Local das Intervenções: a APA

A intervenção foi realizada na Associação Petrolinense de Atletismo (APA), que foi fundada, em 2003, com a intenção de reunir os praticantes de atletismo do Vale do São Francisco e do sertão pernambucano em geral. Gradualmente, com o aumento da especialização e os investimentos adquiridos, a Associação foi ganhando notoriedade e seus participantes foram se destacando em competições locais e regionais. Atualmente, a instituição conta com cerca de 150 integrantes que competem em torneios olímpicos e paralímpicos em níveis regional, nacional e internacional, trazendo reconhecimento e vitórias para os atletas sertanejos que dela participam.

Há cerca de um ano e meio, a APA expandiu seu público-alvo e começou a trabalhar no campo da iniciação esportiva com crianças e adolescentes entre 7 e 18 anos, a fim de iniciar a preparação de base de futuros atletas e prestar um serviço social à comunidade, oferecendo atividades físicas lúdicas, treinamento de habilidades esportivas básicas e cuidado a esse público. Os encontros da APA ocorrem no campo da escola SESI de Petrolina, que foi cedido à associação e é utilizado tanto pelos atletas e paratletas profissionais quanto pelos alunos da iniciação esportiva. Além disso, o espaço da escola SESI de Petrolina foi utilizado para as intervenções psicossociais realizadas pelo nosso grupo.

Participantes

O grupo era composto por 18 crianças entre 8 e 10 anos que estavam matriculadas na turma de iniciação esportiva em atletismo da APA. Entre as quais 3 possuíam neurodivergências com diagnósticos de TEA (Transtorno do espectro autista), TDAH (Transtorno do Deficit de atenção com hiperatividade) e TOD (Transtorno desafiador opositor), mas o foco das intervenções não foi trabalhar essas especificidades de forma isolada, já que o ambiente era de educação inclusiva, ou seja, o objetivo da instituição é favorecer a diversidade e integrar todos os alunos no mesmo ambiente de aprendizagem com atividades em comum a todos, não havendo separação ou distinção entre crianças neuroatípicas e atípicas.

O convite para ingressar nesta turma era feito pela própria APA através de mídias sociais e repassado pelos próprios alunos do grupo, deixando em aberto o número de pessoas existentes nela. Também foi relatado que não é feita nenhuma lista de frequência para contabilizar a permanência das crianças nas aulas e, para participar dessa prática esportiva gratuita, o único critério seria estar dentro da faixa etária indicada para a turma. Isso possibilitou que o grupo de participantes tivesse uma vasta diversidade social, cultural e étnica, expondo uma diferença de experiências psicossociais entre as crianças de um mesmo grupo. Sendo assim, o único critério de inclusão para o grupo destinado participar desta intervenção pontualmente realizada foi participar da turma de segunda e quarta da Iniciação Esportiva em Atletismo da APA.

Especificamente quanto a cada uma das intervenções, na análise de demanda estavam presentes 18 crianças; na primeira intervenção estavam presentes cerca de 15-16 crianças; na segunda intervenção estavam presentes cerca de 14 crianças e na terceira havia cerca de 16-18 crianças.

Recursos

Graças aos investimentos públicos, ao auxílio dos patrocinadores e às doações recebidas, a APA conta com uma considerável quantidade, diversidade e qualidade de materiais esportivos disponíveis para seus integrantes, como diversos tipos de cones, barreiras, cordas, colchonetes, bambolês, caixotes e bastões. Esses materiais foram incorporados e serviram para envolver as crianças nas atividades planejadas.

Além dos recursos disponibilizados pela instituição, para a realização das dinâmicas que demandaram um esforço criativo, foram necessários materiais extras, dentre eles tecido TNT, bolas, placa de polietileno, cartolina e impressões em papel sulfite. Na avaliação final das intervenções, foram utilizados uma cartolina com perguntas e emojis impressos em folha de papel para a coleta de dados e a confecção de um mural artístico com desenhos e fotografias construído em colaboração com as crianças.

Como embasamento metodológico, utilizou-se o aporte da Psicologia Social e a formação de grupos interventivos. Na compreensão dessa área, a dinâmica grupal é uma força potencial na demonstração das demandas de um grupo e na mudança do mesmo. Nesse sentido, as necessidades dos indivíduos de um grupo são expressas através da coletividade, portanto a construção

metodológica é variável e adaptada a partir da observação da dinâmica grupal (Melo, Maia & Chaves, 2014).

Análise de Demanda

O primeiro contato foi baseado em conversas com a treinadora para levantamento de informações sobre a proposta da instituição e a área de iniciação esportiva como um todo. Com isso, conhecemos uma parte da turma e abordamos com a treinadora os aspectos gerais da mesma (faixa etária, atividades, principais demandas, entrosamento, etc.).

Na visita seguinte, realizamos uma dinâmica de apresentação em que, organizadas em círculo, a cada rodada uma das pessoas fazia um alongamento e falava o próprio nome e em seguida os outros repetiam o nome e o alongamento, até que todos se apresentassem. Em seguida, fizemos a dinâmica do "Percurso de Satisfação" para colher as demandas a serem trabalhadas nos próximos encontros. Esta atividade foi realizada como uma adaptação da dinâmica "Curtigrama", consistindo em um pequeno percurso com atividades de modo que as quatro perguntas ("O que você faz e gosta", "O que você faz e não gosta", "O que você não faz, mas gosta", "O que você não faz, e não gosta") pudessem ser respondidas pelas crianças, fornecendo informações sobre as possíveis demandas a serem trabalhadas.

Ao início da análise de demanda, as crianças se organizavam em grupos separados ou ficavam relativamente isoladas antes do início do treino. Além disso, alguns naturalmente se destacavam em suas habilidades esportivas, e isso gerava uma desavença entre os alunos com maior e menor desempenho. Foram observadas instâncias de comportamentos de indisciplina com relação à autoridade dos treinadores, bem como impaciência ao esperar a vez de participar – o que pode ser atribuído à idade. Também foi percebido boa desenvoltura de parte do grupo ao responder as perguntas da dinâmica, com exceção dada às crianças com transtornos do desenvolvimento e intelectuais (que foram acolhidas nos seus próprios padrões). A partir disso, foram identificados problemas de baixa coesão (os alunos se conheciam há pouco tempo, sendo uma turma formada há três meses) e competitividade (por conta das diferenças de rendimento físico entre os alunos, alguns buscavam se colocar em posição de destaque quanto aos demais durante as atividades).

Assim, as intervenções objetivaram: 1. desenvolver a habilidade de empatia, para que as crianças se vissem mais como amigas e menos como adversárias; 2. aumentar o entrosamento das crianças, para que elas realmente tivessem a chance de se identificarem como um grupo; 3. trabalhar a cooperação, buscando estimular a percepção de comportamentos, atitudes e hábitos entre o grupo que ampliassem a integração social entre elas, possibilitando que a iniciação esportiva fosse uma prática mentalmente saudável.

Procedimentos

Foram realizadas três intervenções grupais e uma avaliação de desempenho pós-intervenções com as crianças da turma de iniciação esportiva da APA. Cada intervenção foi semanal e durou aproximadamente 1h, com

facilitações rotacionada, ou seja, cada dupla de interventores assumia a facilitação do grupo a cada encontro. Houve, ainda, supervisões antes e após cada intervenção com uma docente de psicologia de processos grupais e outra de psicologia do esporte. Todos os encontros duraram aproximadamente dois meses. Foi utilizada a pista de atletismo da escola SESI, cedida à APA, como local de realização das intervenções psicossociais promovidas pelo nosso grupo.

Considerando o breve tempo em contato com a turma e os objetivos elencados, buscou-se realizar as intervenções de modo direto dentro de parâmetros que, para além de chamar a atenção das crianças, também as fizessem se envolver intensamente nas atividades propostas. Isso foi feito a fim de que os resultados fossem alcançados com maior fluidez e pudessem ser sentidos pelo grupo com maior clareza. Em cada intervenção foram oferecidos e incentivados momentos de conversas e discussões sobre os temas trabalhados, visando o compartilhamento de experiências por parte das crianças. Isso possibilitava, também, um norte para os facilitadores planejarem os próximos encontros.

Intervenção 1 – Empatia

O objetivo da primeira atividade foi desenvolver a habilidade de empatia, permitindo às crianças que se vissem mais como amigas e menos como adversárias. Para isso, foi realizada a dinâmica “Escolha um Cone”.

Nesta atividade, foram dispostos no chão cones circulados por colchonetes, e disponibilizados no mínimo dois facilitadores por cone para acompanhar as crianças. Ao iniciar, foi orientado às crianças que se direcionassem para o cone que representasse, ou que se aproximasse, da sua cor favorita. Após todos estarem sentados, os facilitadores incentivaram a conversa entre as crianças a começar pelo motivo daquela cor ser a favorita delas, por exemplo, e a partir disso foi-se buscando assuntos sobre temas que elas demonstrassem ter em comum para além do atletismo. Esta proposta é uma adaptação da dinâmica “Guardanapos Coloridos” encontrada em (Valle, 2013).

Na segunda parte do primeiro encontro, realizou-se a “Dinâmica dos Autógrafos”, com o objetivo promover a interação entre os participantes, ajudando-os a se conhecerem melhor. Foi entregue às crianças uma folha-guia contendo perguntas preestabelecidas que seriam direcionadas uns aos outros. O objetivo era que as crianças conversassem entre si buscando as pessoas que se encaixariam em alguma das situações, e que pedissem que estas assinassem seus nomes. Cada criança só poderia assinar apenas uma vez em uma mesma ficha. Ao final, foi feita uma breve reflexão em torno dos resultados obtidos, pontuando semelhanças e diferenças encontradas e como elas são importantes para o funcionamento da turma. Esta atividade foi uma adaptação da dinâmica “Envelopes” de Valle (2013).

Intervenção 2 – Cooperação

O objetivo principal das atividades deste dia foi o trabalho da cooperação entre as crianças, de maneira que trabalhassem conjuntamente e de forma organizada, tomando decisões grupais que favorecessem a todos os

integrantes. As atividades propostas buscaram incentivar o companheirismo entre as crianças e elevar a coesão do grupo.

A dinâmica, chamada de “Gincana de Todos” (de criação própria dos autores), teve a forma de um percurso de obstáculos composto por diversas brincadeiras cooperativas em dupla e em grupo, em que as equipes não avançavam no percurso até que todos tivessem vencido cada etapa. A dinâmica foi dividida em 5 etapas, construídas de forma que houvesse colaboração dentro e entre as equipes, e que a vitória só fosse conquistada quando todos tivessem concluído a fase. Antes de tudo, os facilitadores dividiram as crianças de forma a agrupar as mais competitivas em uma mesma equipe (de modo que parecesse ser uma seleção aleatória), buscando que elas desenvolvessem a noção de cooperação, e evitando que, se espalhadas em outras equipes, elas assumissem uma liderança autoritária. Ainda, os facilitadores incitaram que as equipes percebessem as necessidades das outras e, se possível, as ajudassem.

Após a divisão dos grupos participantes da atividade, as crianças foram instigadas a escolher quem iria participar de qual etapa, analisando quais possuíam as habilidades adequadas para cada uma. Na primeira etapa (“Fase dos Cones”), uma criança precisava estar vendada, ao mesmo tempo em que transportava cones invertidos com o objetivo de colocá-los na posição “normal”, de forma a empilhá-los, contando com a ajuda das outras crianças da equipe. A equipe dos competitivos foi “importunada” pelos facilitadores das mais variadas formas, visando que os outros times a ajudassem, mostrando para as crianças competitivas que, apesar de serem as “melhores”, elas ainda assim precisavam de ajuda. O objetivo preliminar foi alcançado e as equipes que terminaram a atividade com antecedência se engajaram fortemente em ajudar a “equipe dos competitivos” a se desvencilharem dos “importunamentos” dos facilitadores e avançar no percurso.

A segunda etapa da “Gincana” foi composta por duas atividades simultâneas: “Fase das Barreiras” e o “Mestre Mandou”. As crianças conversaram entre si para decidir quem iria vendada nesta vez (não poderia ser a mesma da fase anterior), e quem completaria a lista do “mestre mandou”. Uma vez decidido, a criança vendada foi auxiliada pelo restante do seu time a passar por cima das barreiras de tamanhos variados, dispostas ao longo do percurso da “Fase das Barreiras”. Enquanto isso, a criança da lista estava realizando atividades simples, mas diversas, podendo ajudar ou ser ajudada pelas demais crianças das outras equipes que estavam nessa mesma atribuição. O objetivo desta etapa foi mostrar que todos possuíam uma função dentro da equipe, desde a mais complexa a mais simples, e que todos poderiam contribuir com a vitória ao realizá-las.

Já a terceira etapa (Fase dos Bambolês), consistiu em bambolês dispostos pelo chão de modo que fossem obstáculos em duas dimensões, devendo ser atravessados por uma nova criança vendada acompanhada por seu guia. Aqui, não havia mais equipes, e todas as crianças estavam participando de um par.

A etapa quatro (“Fase do Bastão”), requereu que as crianças fossem novamente divididas em equipes, mas dessa vez por escolhas delas. Colchonetes foram dispostos em fila indiana e as crianças sentaram-se uma

atrás da outra. O objetivo foi que elas passassem um bastão, no sentido atrás-frente, ao mesmo tempo em que a última criança da fila levantasse seu colchonete e movesse-o para o início da sua fila, de modo que continuasse o movimento de passagem do bastão e a fila caminhasse em direção à linha de chegada. Para a última etapa ("Roda das Crianças"), as crianças foram dispostas em um grande círculo de mãos dadas, e tentaram passar por entre si um bambolê sem soltar as mãos, de forma que o objeto completasse uma volta inteira entre elas.

Em todas as etapas dessa dinâmica foi importante incentivar a colaboração entre as equipes, pois a vitória só seria conquistada quando todos concluíssem as etapas, não havendo lista de colocados (primeiro lugar, segundo lugar, etc.).

Intervenção 3 – Respeito às Diferenças e Cooperação

No terceiro encontro, realizou-se o "Torneio Colaborativo" (de criação própria dos autores) cujo objetivo principal foi o respeito às diferenças, que se relaciona à empatia e à cooperação. O torneio consistia em uma série de atividades, similar à gincana mencionada anteriormente, cada uma trabalhando um aspecto relacionado ao respeito e à valorização das habilidades do outro, pois cada criança exercia um papel fundamental para o desempenho do grupo. Para isso, as crianças foram instigadas a conversarem antes do início do torneio para decidirem quem ficaria em qual etapa e qual função desempenhariam, visando suas melhores qualidades.

O torneio consistiu em uma série de quatro etapas, cada uma com uma atividade diferente que requereu um tipo de habilidade, de forma que cada criança pudesse contribuir à sua forma com a equipe. Antes do torneio ter início, as crianças foram divididas em equipes e cada uma destas possuía um "treinador", que era um dos facilitadores. Este possuía o papel de conversar com as crianças para que elas decidissem quem era a mais adequada para cada atividade.

Na primeira fase, havia um futebol adaptado, jogado por uma dupla, que devia passar a bola com os pés por entre os cones, sem sair do seu lado e sem que a bola tocasse nos objetos; caso ela tocasse, a dupla deveria reiniciar o percurso, o que ensina paciência tanto na execução da atividade e quanto com sua dupla, estimulando a conversa para a criação de estratégias. Para a segunda fase, o "treinador" funcionou como o suporte do bambolê, que foi o "gol". Uma nova dupla jogava a bola por entre o bambolê, que mudava de posição conforme o soar do apito do facilitador-mestre do torneio, sem que a bola tocasse o objeto, e caso tocasse, a dupla deveria voltar ao início da fase. Cada passada correta da bola garantia um avanço no percurso, até que chegasse ao final.

Na terceira fase, foram usadas barreiras de atletismo com tamanhos diversos e alternados dispostas à uma altura segura para o salto, de modo que a criança responsável por esta etapa a concluísse sem derrubar nenhuma, e sem derrubar a bola equilibrada sobre um cone, à maneira de um "sorvete". Para a quarta e última fase, chamada de "Volençol", as crianças se dividiram em grupos de forma que cada uma delas era responsável por um lençol, que servia como uma forma de raquete. O objetivo era que cada grupo jogasse a

bola para o outro, sem derrubar, e seguindo uma ordem, até que o grupo final conseguisse lançá-la em direção ao gol, que era composto por um bambolê apoiado em cones. Os facilitadores incitavam que os grupos que conseguiram desempenhar sua função ajudassem os restantes, dando dicas e discutindo quais eram as melhores estratégias para alcançar o resultado.

Portanto, para concluir as atividades do torneio, foi preciso melhorar o trabalho em equipe, para o qual é fundamental aceitar e compreender as particularidades de cada indivíduo, seus pontos fortes, suas fraquezas e contribuições para a equipe.

Intervenção 4 – Avaliação da Intervenção Grupal

Para o último encontro, foi central uma avaliação de desempenho das habilidades adquiridas pelas crianças, que implicaria na eficácia do trabalho dos facilitadores, além de uma despedida destes com as crianças, visto que o trabalho com elas pelo grupo-interventor se encerraria naquele dia. Em um primeiro momento, perguntou-se a opinião das crianças sobre as atividades propostas e elas avaliaram cada uma delas a partir de uma dinâmica simples, utilizando perguntas norteadoras (Ex.: “Eu gostei das atividades que fiz”, “Eu aprendi sobre trabalho em equipe”) e emojis com faces feliz, triste e neutra, utilizadas pelas crianças para apontar sua satisfação com as dinâmicas propostas e avaliar o que elas haviam aprendido. Logo após, foi confeccionado um mural de lembranças e recados, em que as crianças participantes fizeram desenhos ou escreveram frases que expressassem seus pensamentos sobre a experiência grupal. Por fim, foi feita uma devolutiva com a treinadora da turma, com base nas observações dos facilitadores.

Resultados e discussão

Considerando o breve tempo em contato com a turma e os objetivos elencados, buscou-se realizar as intervenções de modo direto dentro de parâmetros que, para além de chamar a atenção das crianças, também as fizessem se envolver intensamente nas atividades propostas. Isso foi feito a fim de que os resultados fossem alcançados com maior fluidez e pudessem ser sentidos pelo grupo de crianças com maior clareza.

A partir do que foi levantado na literatura da área, a respeito da necessidade da iniciação esportiva funcionar como um espaço rico para aprendizagens diversas de aspectos sociais, como o trabalho em grupo, o desenvolvimento da empatia, da consciência de todo, do respeito ao próximo, da compreensão das diferenças e do entendimento sobre a importância da cooperação (Cavaggioni, 2017), o trabalho foi planejado e implementado de forma a resgatar tais fatores e apresentá-los para as crianças de um modo dinâmico, intuitivo e lúdico. Assim sendo, as alterações, adaptações e criações realizadas nas atividades foram pensadas especificamente para o contexto das intervenções, ampliando o comprometimento das crianças no processo. Dessa maneira, foram percebidas algumas mudanças comportamentais no grupo como um todo e individualmente, entre a primeira e a última visita, assim como também foram percebidas demandas que não puderam ser trabalhadas, mas que merecem ser destacadas por conta do seu impacto sobre o conjunto.

Essas mudanças foram constatadas através das constantes observações realizadas quanto aos parâmetros de expressão comportamental

e relacional das crianças. Em corroboração a isso, as diferenciações entre as ações (sejam elas apresentadas pelo comportamento ou pela fala) pregressas e posteriores às intervenções foram expressadas pelas próprias crianças nas avaliações realizadas em grupo. Ademais, as devolutivas com os treinadores foram cruciais para a constatação das alterações mesmo fora de nossas atividades ou nos momentos em que não estávamos presentes.

Quanto ao primeiro objetivo (a melhoria do entrosamento entre as crianças) foi possível notar nos primeiros encontros que, ou os alunos não se comunicavam com fluidez, ou tendiam a se falar apenas durante a realização das atividades propostas pelos treinadores, ainda sem muita consciência grupal, ou seja, uma figura de liderança surgia dentro do grupo e buscava “ditar” o que cada um faria dentro da brincadeira. A partir da entrada das intervenções nos treinos, passou a ser incentivado que as crianças, quando divididas em grupo, pudessem primeiramente conversar sobre o que cada um gostava, sabia, não tinha afinidade ou não sabia fazer, por exemplo, para que, em conjunto, fosse escolhido o que ficaria sob responsabilidade de cada um, levando em consideração que o trabalho realizado não tinha como foco a individualidade, mas sim a recompensa para todo o grupo.

Dentro do desenvolvimento do entrosamento pôde-se destacar, por exemplo, a mudança de posição grupal de Frank (nome fictício). Esta criança, nos primeiros encontros, costumava ficar mais afastada dos colegas e não mantinha diálogos com estes e, na última visita, durante a dinâmica proposta pela treinadora, ele conquistou a oportunidade de realizar a tarefa principal da brincadeira a partir da decisão do grupo, ficando a cargo dele a responsabilidade de ajudar intensamente na conquista da equipe. Além disso, gradativamente foi sendo percebido que as crianças passaram a gostar mais de conversar entre as etapas do treinamento, abandonando o hábito de ficarem apenas esperando a outra parte da atividade começar.

Outra parte importante das intervenções realizadas foi o incentivo à colaboração e cooperação em detrimento da pura competição, tendo em vista que a cooperação é apontada por Longo et al. (2017) como um fator importantíssimo no processo de aprendizagem de regras sociais e desenvolvimento moral das crianças, tanto dentro como fora do esporte. Dessa maneira, logo no primeiro dia de observação de demandas, em conversa com a treinadora, e a partir da análise do treinamento, foi notável o alto grau de competição entre membros específicos do grupo que, para além de deteriorar as relações interpessoais entre eles, também tinha forte impacto sobre o comportamentos das outras crianças que se mostravam mais retraídas e menos envolvidas nas tarefas, já que elas “sabiam” quem ganharia destaque com maior facilidade. Esse comportamento persistiu durante alguns encontros, mas, quando foi levada a “Gincana de Todos”, que exigia deles a cooperação não apenas dentro do grupo, mas com as outras equipes, eles relataram ao final da atividade terem entendido que quando eles trabalham em conjunto e para o conjunto, as chances de todos poderem participar ativamente das atividades e se divertirem com elas era maior.

Nesse aspecto, uma passagem bastante interessante de ser destacada foi a de Axel (nome fictício), que durante o percurso falou repetidas vezes que, por ser o melhor no salto em barreiras, deveria novamente ocupar o posto principal dentro do grupo, mesmo já tendo estado nele na parcela anterior da

brincadeira. Após muito conversar com o grupo e com os facilitadores, a criança percebeu que os seus colegas de equipe também precisavam experienciar o lugar de destaque e que, naquele momento, era melhor para o conjunto que ele se colocasse no lugar de ajudante. Nas visitas seguintes, foi percebido que, com mais frequência, essa criança se interessava em notar as potencialidades dos colegas e incentivá-las.

No entanto, como apontado anteriormente, o pouco tempo de intervenção fez com que algumas demandas latentes não pudessem ser trabalhadas mais intensamente como, por exemplo, os repetitivos comentários de uma outra criança, Flor (nome fictício), a respeito das atipicidades de seus colegas, e as falas de que não gostaria de estar no mesmo grupo que eles já que a “atrasariam”. Apesar dos facilitadores estarem sempre atentos a isso, e buscarem conversar sobre a necessidade de demonstrar respeito às diferenças, uma demanda de tal proporção não pôde receber o manejo preciso. Tal comportamento, expressado de maneira aberta, prejudica significativamente o desenvolvimento do trabalho em equipe, cooperação e empatia entre as crianças que, ao perceberem esses comentários tendem ou a incorporá-los ou a rivalizá-los, ambas as “soluções” não gerando ajustes positivos para o grupo.

Por fim, na conversa final de devolutiva com a treinadora das crianças, ela demonstrou ter gostado das intervenções e apontou que buscaria, à luz do que debatemos, propor atividades que estimulassem mais o trabalho em equipe e a cooperação entre os alunos. O grupo-interventor pôde também, nesse momento, apontar outras demandas que observaram durante o contato com as crianças, como as falas preconceituosas da criança acima citada, e a treinadora compartilhou a sua dificuldade em lidar com tal aspecto, se mostrando à vontade para debater os assuntos pertinentes ao grupo e aberta para ouvir. Além disso, ela expressou a vontade de que o grupo-interventor voltasse em outros momentos, com mais tempo, para continuar a intervenção dentro dessa mesma linha ou com outros aspectos possíveis de serem trabalhados na iniciação esportiva.

Isso se demonstra bastante relevante para o trabalho realizado pelo grupo na instituição tendo em vista que, dentro das discussões com a coordenadora do projeto, foram debatidas as importantes contribuições que podem ser construídas a partir do trabalho multidisciplinar no contexto da iniciação esportiva, o que favorece tanto os profissionais que estão envolvidos (a partir do compartilhamento de informações e da montagem conjunta de estratégias) como, e principalmente, as crianças que serão beneficiadas com um atendimento amplo e holístico.

Considerações finais

Com base nos resultados apresentados, desde o primeiro objetivo apresentado até a conversa com a treinadora, levando em consideração as devolutivas do campo, nota-se que os trabalhos realizados foram capazes de causarem modificações, desde expressivas até as sutis, no público atendido. Quanto ao término das intervenções realizadas, pôde-se concluir que elas atingiram os objetivos propostos para cada uma. Ficaram evidentes as mudanças no grupo da iniciação esportiva, desde as crianças (que se beneficiaram nos aspectos comportamentais e psíquicos, passando a trabalhar

de maneira mais cooperativa do que competitiva, e estreitando laços) até a treinadora, que se mostrou satisfeita com as intervenções, e com a devolutiva realizada ao fim do trabalho.

Houve, ainda, demandas que surgiram ao longo das práticas que somente o trabalho grupal proposto não foi suficiente, tanto por questões relativas de tempo (pouca duração dos treinos e da intervenção total) quanto por serem de caráter individual. Algumas crianças expuseram, mesmo de maneira sutil, algumas demandas que precisavam de atenção individual, como foi o caso da Flor, citado anteriormente, com falas que apresentaram teor discriminatório com algumas crianças com transtornos mentais do seu grupo. Ainda, essas mesmas crianças, que por conta de suas condições, não conseguiam socializar dentro do conjunto, o que demandava uma atenção psicossocial que os treinadores não poderiam atender, e que estavam além da capacidade do grupo-interventor. Ainda, foi presenciado que alguns pais, presentes durante a execução dos treinos, incentivavam a competitividade de forma excessiva, a ponto de saírem da arquibancada para auxiliarem seus filhos a terminarem mais rápido as atividades quando estes estavam ficando “para trás”.

Houve, também, momentos que exigiram um manejo acentuado dos facilitadores, sobretudo quando surgia a necessidade de uma palavra mais enérgica para manter a ordem do grupo, já que, por serem crianças em prática esportiva, apresentavam um alto teor de agitação, o que dificultava a sustentação da atenção às instruções para as práticas. Além do mais, o tempo para trabalhar com as crianças era relativamente curto: os treinos duravam de 40-60 minutos em cada encontro e as intervenções aconteciam apenas uma vez na semana (devido às necessidades de planejamento, confecção das atividades, monitoria, etc.).

Logo, essas dificuldades demonstram, acima de tudo, que há a necessidade da psicologia nesse campo. Trabalhos futuros, possivelmente em forma de um projeto de extensão, poderiam trabalhar questões mais subjetivas de cada criança, como também atividades com os pais sobre o papel deles, mesmo como agentes incentivadores na arquibancada ou lidando com as questões dos filhos quanto ao atletismo. Além disso, trabalhos formativos com os treinadores para aprimorarem suas técnicas de manejo para casos excepcionais que não envolvam o atletismo diretamente.

Com isso, esse trabalho foi singular na experiência formativa de cada componente do grupo facilitador, uma vez que permitiu lidar com realidades desconhecidas pelos seus membros, e em um contexto com sujeitos de diversas etnias, classes sociais, histórias de vida, neurodivergências, e que possuíam visões diferentes do mundo, o que concedeu aos facilitadores uma experiência não apenas profissional e/ou técnica, mas que tocou a parte humana de cada um.

Referências

Angelo, L., & Noce, F. (2019). Campos de atuação. In M. Nocelli & M. Rennan (Eds.), *Psicologia do esporte e do exercício: modelos teóricos, pesquisa e intervenção*. Editora Pasavento.

Bairros, G. K. K. de, & Antunes, F. R. (2020). Estratégias metodológicas utilizadas na iniciação esportiva por um profissional de educação física. *Revista Da Saúde Da AJES*, 6(12), 27-34. <<http://www.revista.ajes.edu.br/index.php/sajes/article/viewFile/372/301>>.

Cavaggioni, A. P. M. (2017). *A prática esportiva e o desenvolvimento infantil*. Clia Psicologia. <<https://cliapsicologia.com.br/a-pratica-esportiva-e-o-desenvolvimento-infantil/>>.

Hassani, F., Shahrbanian, S., Shahidi, S. H., & Sheikh, M. (2022). Jogar pode melhorar o desempenho físico em crianças com autismo. *International Journal of Developmental Disabilities*, 68(2), 219-226. <https://doi.org/10.1080/20473869.2020.1752995>.

Longo, R. A., Tertuliano, I. W., Sena, A. B. D., Morão, K. G., Verzani, R. H., & Machado, A. A. (2017). A permanência de crianças e jovens nos esportes: olhares para iniciação e especialização esportiva. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 15(2), 121-132. <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/16722>>.

Melo, A. S. E., Maia Filho, O. N., Chaves, H. V. (2014) Conceitos básicos em intervenção grupal. *Encontro: Revista de Psicologia*, v. 17, n. 26, p. 47-63.

Valle, M. P. do. (2013). *Dinâmica de grupo aplicada a psicologia do esporte* (C. Rubio (ed.); 2nd ed.). Casa do Psicólogo.

Wick, K., Kriemler, S., & Granacher, U. (2021). Effects of a Strength-Dominated Exercise Program on Physical Fitness and Cognitive Performance in Preschool Children. *Journal of Strength and Conditioning Research*, 35(4), 983-990. <https://doi.org/10.1519/JSC.0000000000003942>

Sobre o autor

Ana Vitória Gonçalves de Sousa

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)
Petrolina (PE), Brasil - <https://orcid.org/0009-0005-3433-4572>

Ananda Vasconcelos Valois

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)
Petrolina (PE), Brasil - <https://orcid.org/0009-0002-6872-5502>

Luís Eduardo da Silva Barboza

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)
Petrolina (PE), Brasil - <https://orcid.org/0009-0006-2303-060X>

Maria Luiza de Sousa Santana

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)
Petrolina (PE), Brasil - <https://orcid.org/0009-0005-7730-0575>

Maria Luiza Magalhães Santos

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)
Petrolina (PE), Brasil - <https://orcid.org/0009-0002-6829-3172>

Thaís Macêda dos Santos

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)
Petrolina (PE), Brasil - <https://orcid.org/0009-0004-1045-6885>

Contato

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Thaís Macêda dos Santos

Av. José de Sá Maniçoba, s/n., Centro. CEP: 56304-917 - (87) 98862-1059 - thais.maceda@discente.univasf.edu.br